Vida e Técnica: ressonâncias do pensamento de Canguilhem em Simondon

Life and technique: resonances of Canguilhem's thought in Simondon

Resumo:

A realidade da máquina, diz Simondon, é humana. Porém, não é pensando-a em semelhança ao organismo humano que se deve apreendê-la de modo a estabelecer uma relação outra – que não seja autocrática e instrumental – com os objetos técnicos. Diante disso, pretende-se demonstrar como Simondon desenvolve algumas das noções fundamentais de sua tese complementar, *Du mode d'existence des objets techniques* (SIMONDON, 2008, [1958]), calcado nesse princípio, mas não descartando uma filosofia biológica da técnica, uma vez que sua ontogênese dos objetos técnicos pode encontrar ressonâncias no vitalismo fisiológico de Canguilhem, apresentado em *Le normal et le pathologique* (CANGUILHEM, 2002, [1943]). Assim, experimenta-se a ideia de que Simondon estabelece sua filosofia dos objetos técnicos por meio da diferenciação com os seres vivos, mas uma diferenciação operada por analogia ao mundo animado, para então, como ação política do pensamento filosófico, pensar a relação e tensão do homem com o mundo, intermediadas pela técnica, como um *continuum* natural-cultural.

Palavras-chave: Cultura. Técnica. Natureza. Organismo. Potência.

Abstract:

The reality of the machine, Simondon says, is human. However, it is not thinking of it in similarity to the human organism that we are supposed to grasp it in order to establish another relation – that is not autocratical and instrumental – with technical objects. Considering this question, we intend to demonstrate how Simondon develops some fundamental notions of his complementary thesis, *Du mode d'existence des objets techniques* (SIMONDON, 2008 [1958]), based on this principle but not setting aside a technique's biological philosophy, once its technical objects ontogenesis can find resonances in Canguilhem's physiologic vitalism, presented in *Le normal et le pathologique* (CANGUILHEM, 2002, [1943]). So, we experience the idea that Simondon establishes his technical objects philosophy through differentiation with living being, but a differentiation operated by analogy with the animate world, and then, like politic action of philosophical thought, think the men's relation and tension with the world, mediated by technique, as a natural-cultural *continuum*.

Key-words: Culture. Technique. Nature. Organism. Potency.

CORBANEZI, Elton Rogério. Vida e técnica: ressonâncias do pensamento de Canguilhem em Simondon. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 85-99, jan./jun. 2012.

Elton Rogério Corbanezi

Universidade Estadual de Campinas

1 Vida Técnica

No limiar de sua tese *Du mode d'existence des objets techniques*, Gilbert Simondon (2008, p. 31) expõe o motivo de sua reflexão sobre os objetos técnicos: “Este estudo é animado pela intenção de suscitar uma tomada de consciência do sentido dos objetos técnicos”¹.

Para o leitor ainda estrangeiro ao pensamento sobre a técnica e em um primeiro contato com a obra de Simondon², algum es-

1 A tradução para o português de citações em espanhol, inglês e francês é minha.

2 De acordo com Muriel Combes (1999), não se trata de reduzir o pensamento de Gilbert Simondon à especificidade da filosofia da técnica, dado que a contribuição do autor ultrapassa essa fronteira e, é importante dizer, propõe uma “reforma de noções filosóficas fundamentais”, como se nota na introdução de sua tese principal: *A individuação à luz das noções de forma e de informação* (SIMONDON, 2011, p. 11). Nesse sentido, a própria noção de “cultura técnica”, reivindicada de modo reiterado em *Du mode d'existence des objets techniques*, é utilizada por Simondon para travar combate contra a especialização da especialização (a filosofia como primeira especialidade e a técnica como segunda). Para além da especialização, o filósofo francês pensa a técnica como questão de cultura, e não como um domínio separado – donde proveio a relação negativa da cultura com a técnica. Desse modo, a filosofia, como uma nova imagem do pensamento não especializado, sem separação entre teoria e prática, natureza e cultura, seria a forma de pensamento e

trançamento ocorre no encontro com uma terminologia *animada* – se se entende por isso o sentido literal e etimológico de “dar vida ou vivificar algo” – utilizada pelo autor para atribuir sentido aos objetos técnicos e então suscitar uma tomada de consciência em relação aos mesmos. É o que se percebe desde o título de sua tese complementar, do qual se depreende um *modo de existência* dinâmico dos objetos técnicos, até a criação conceitual para abordar tais objetos: “seres técnicos”, “vida técnica”, “indivíduos técnicos”, “linhagem técnica”, “espécie técnica” etc³. Se a filosofia é a criação de conceitos em vista da colocação e implicação de problemas, como insistiu o pensamento de Deleuze e Guattari, o leitor encontra em Simondon um léxico filosófico-técnico radicalmente original. No entanto, não se trata de, a partir dessa criação conceitual, atribuir vida humana aos objetos técnicos, ou então humanizá-los – ponto em que a cibernética de Norbert Wiener fracassou, segundo o filósofo francês⁴ –, mas, antes, estabelecer entre homem, mundo e técnica uma relação diferente daquela instaurada pela perspectiva ocidental. Este parece ser um dos problemas fundamentais operados e suscitados pela filosofia de Gilbert Simondon no livro *Du mode d’existence*

ação destinada, de modo político, a suprir o atual estado de alienação em relação à cultura técnica.

3 O conjunto de conceitos elaborados e criados por Simondon para tratar os “seres técnicos” resulta, em grande parte, de um diálogo crítico com o conhecimento não só da física, mas também da biologia, conforme Henning Schmidgen (2005, p.04). Ainda segundo esse autor, é importante registrar que, junto a Martial Guéroult e Maurice Merleau-Ponty, Georges Canguilhem também foi um dos professores de Simondon. Daí o agradecimento especial deste àquele em *Du mode d’existence des objets techniques*: mais um motivo para acreditarmos que nossa relação ensaiada entre os dois autores não é sem razão de ser.

4 Simondon refere-se à obra *Cybernetics*, publicada em 1948 pelo matemático estadunidense Norbert Wiener, o qual teria instaurado, com a criação da cibernética, um novo “Discurso do Método” em relação às máquinas (SIMONDON, 2008, p. 123).

des objets techniques, o qual coloca em questão a urgência contemporânea para se pensar as relações sociais em uma sociedade constituída de humanos e não-humanos.

O livro de Simondon está dividido em três partes. Na primeira, o autor descreve a invenção, a gênese e a evolução dos objetos técnicos por meio da importância atribuída ao que denomina “processo de concretização”, isto é, a individuação dos objetos técnicos; a segunda seção trata mais especificamente da relação entre homem e objetos técnicos, para a qual é utilizada uma medida de conhecimento (na menoridade, o objeto técnico é concebido pelo homem apenas da perspectiva instrumental, como utensílio destinado à utilidade, ao passo que na maioridade o objeto técnico é apreendido desde sua invenção até seu modo de existência e funcionamento); por fim, a terceira parte da tese é direcionada à essência do que o filósofo denomina tecnicidade e à maneira como o objeto técnico se articula com outros modos de ser e de pensamentos não-técnicos, tais como o mágico-primitivo, religioso, político-social, científico e estético.

O problema colocado, a nosso ver, é a relação do homem com o objeto técnico, ou melhor, a relação homem-mundo intermediada pelo objeto técnico⁵. Para abordar tal problema, Simondon faz operar um método genético e descritivo à procura da proveniência, emergência e evolução dos objetos técnicos, para então especular suas tendências e devires. Na sua ontogênese dos objetos técnicos existem os “indivíduos técnicos” (correspondentes a máquinas, aparelhos e motores), os “elemen-

5 “O objeto técnico se distingue do ser natural nesse sentido, em que ele não forma parte do mundo. Intervém como mediador entre o homem e o mundo; é, neste sentido, o primeiro objeto desprendido, pois o mundo é uma unidade, um meio mais que um conjunto de objetos; de fato, há três tipos de realidade: o mundo, o sujeito e o objeto, intermediário entre o mundo e o sujeito, cuja primeira forma é a do objeto técnico.” (SIMONDON, 2008, p. 170)

tos técnicos” (componentes dos indivíduos técnicos ou simples ferramentas) e os “conjuntos técnicos” (vastas instalações constituídas por uma variedade de máquinas, motores e aparelhos que agregam os elementos e os indivíduos técnicos – fábricas, oficinas e laboratórios podem ser referidos como exemplos). A partir da descrição imanente ao objeto técnico, trata-se de pensar, portanto, suas condições de possibilidade, seu modo de existência e funcionamento, assim como as implicações na relação entre objetos técnicos e outras realidades, em particular a realidade da relação homem-mundo, à qual o objeto técnico aparece não apenas como intermediário, mas também como aquele que promove resoluções de tensões dessa relação.

Embora vivamos num mundo saturado pela técnica, ainda não compreendemos seu modo de existência, sua essência e seu estatuto ontológico para além de uma ferramenta que prolonga nossos órgãos naturais e a qual devemos dominar para não sermos dominados; a cultura ocidental produziu ressentimento diante da técnica por meio de um humanismo que desconhece a realidade humana nos objetos e sistemas técnicos, especialmente nas máquinas – “esses seres que funcionam [grifo meu]” (SIMONDON, 2008, p. 15); o objeto técnico, ao contrário do que ocorre com o objeto estético, não é reconhecido como parte da cultura nem concebido como invenção, mas avaliado apenas conforme sua utilidade. Eis algumas das razões por que *Du mode d’existence des objets techniques* se volta contra a perspectiva ocidental, autocrática e utilitária em relação aos objetos técnicos; contrária, portanto, ao pré-conceito cultural no modo de apreensão da técnica, que nos impede de ver seu lugar na existência humana.

Em um pensamento contrário a essa obliteração, o objeto técnico deve aparecer como aquilo que intermedeia e resolve tensões na

relação homem-mundo, como aquilo que está *entre* o homem e o mundo: “a máquina é então veículo de ação e informação, em uma relação de três termos: homem, máquina, mundo, e a máquina está *entre* o homem e o mundo [grifo meu]”, afirma Simondon (2008, p. 99). Daí a importância que a preposição *entre* assume da perspectiva ontogenética do autor, utilizada para indicar a dissolução não só da instrumentalidade racional, mas também de oposições, em que a relação do homem com os objetos técnicos não deve ser concebida verticalmente: nem *sobre* nem *sob*, mas horizontalmente, *entre*. “O homem compreende as máquinas; ele tem uma função que desempenhar *entre* as máquinas mais que *sobre* as máquinas [grifos meus].” (SIMONDON, 2008, p. 154) Dessa maneira, para além da perspectiva redutora de servidão dos objetos técnicos, o autor reivindica a necessidade de que eles sejam conhecidos em si mesmos e então incorporados à cultura, de modo que ultrapasse o simples plano pragmático e se instaure um saber, ou melhor, uma cultura técnica que conceba a relação com o objeto técnico como uma relação social⁶, em virtude de uma sociedade constituída também de “seres técnicos”, e para os quais seria necessária e urgente a existência de “psicólogos” e “sociólogos das máquinas” ou, mais precisamente, “mecnólogos”⁷.

A partir dessa breve apresentação de problemáticas que concebemos como centrais no pensamento de Simondon sobre os objetos técnicos – o que, por certo, não esgota

6 “Assim, a condição primeira de incorporação dos objetos técnicos à cultura seria que o homem não fosse nem inferior nem superior aos objetos técnicos, que pudesse abordá-los e aprender a conhecê-los mantendo com eles uma relação de igualdade, de reciprocidade, de intercâmbio: uma relação social, de algum modo.” (SIMONDON, 2008, p. 107)

7 A tradução para a versão espanhola por nós consultada substituiu a expressão “sociólogo das máquinas” (SIMONDON, 2008, p. 165), presente na versão original francesa (SIMONDON, 1969, p.149).

outras muitas leituras possíveis, em razão da fecundidade da obra –, pode-se notar que não estamos muito distantes do mundo animado dos seres vivos e, especialmente, do humano, para e entre os quais há sociedade, relação social, psicólogos, sociólogos etc. Mas é precisamente na primeira parte da tese complementar de Simondon, sobretudo na noção de concretização, que cremos reverberar o vitalismo fisiológico de Canguilhem, o qual está relacionado diretamente ao organismo humano. Uma tal leitura pode tornar possível uma *analogia* entre vida técnica e vida biológica: uma analogia concebida, contudo, não como identidade de relações ou semelhança – o que conduziria ao mesmo erro da cibernética –, mas operada por *diferenciação*. Pensar em termos de diferenciação não significa operar por separação entre biologia e técnica, natureza e cultura, indivíduo e sociedade etc., o que deve ser evitado, pois foi também no gesto de separação desses domínios que se cristalizou o preconceito cultural e a relação de negatividade, utilidade e autocracia com a técnica – noções, como vimos, veementemente criticadas por Simondon em sua tese.

A noção de *processo de concretização* pode ser considerada o cerne da teoria de Simondon sobre os objetos técnicos e pensada, ainda, em relação à noção de processo de individuação⁸, a qual se encontra elaborada de modo filosoficamente original na tese principal do autor, intitulada *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. Como afirma Pablo Rodríguez no prólogo da versão espanhola de *El modo de existencia de los objetos técnicos*, “concretizar é, como individuar, resolver uma tensão existencial, que no caso do [objeto] técnico é uma dificuldade de funcionamento”

8 Sobre a relação entre processo de concretização e individuação, ver: “Seres humanos e objectos técnicos: a noção de concretização em Gilbert Simondon”, de José Pinheiro Neves (2007).

(SIMONDON, 2008, p. 12).

Ao contrário do que foi pensado pelos enciclopedistas franceses como progresso contínuo da técnica, Simondon cunha a noção de processo de concretização, uma característica fundamental para a ontogênese que descreve o desenvolvimento dos objetos técnicos por meio de descontinuidades e rupturas, apresentadas através de exemplos de motores, telefones, aparelhos etc.. O objeto técnico, fruto da inventividade do homem, é constituído por um devir que o conduz àquilo que ele ainda não é, e que, num processo de hipertelia⁹, pode escapar à programação primitiva, abstrata e intelectualmente produzida. Daí a afirmação de Simondon de que ao mesmo tempo em que a essência do objeto técnico é a invenção humana¹⁰, a concretização é seu devir¹¹. Isto significa dizer que a tendência à concretização dos objetos técnicos aparece como algo imanente a eles e que os aproxima dos objetos naturais, em razão da inclinação dos objetos técnicos a uma maior coerência interna, à autonomia relativa, ao menor automatismo, à maior abertura e margem de indeterminação. Ao contrário do que se acreditou, diz Simondon (2008, p. 33),

9 Hipertelia, que designa o crescimento exagerado e prejudicial de certos órgãos, é um termo biológico que Simondon transpõe para pensar a técnica, no sentido de um excesso de finalidade, como a palavra dá a entender (dado que “hiper” significa excesso e “télós”, finalidade). Portanto, para o desencadeamento do processo de concretização do objeto técnico, é preciso haver um excedente, um transbordamento da finalidade pensada abstrata e primitivamente no momento em que o objeto foi inventado.

10 “O objeto técnico apreciado e conhecido segundo sua essência, isto é, segundo o ato humano de invenção que o fundou, penetrado de inteligibilidade funcional, valorizado segundo suas normas internas, carrega consigo uma informação pura.” (SIMONDON, 2008, p. 263)

11 O caráter funcional e o condicionamento da gênese do objeto técnico se traduz, afirma Simondon (2008, p. 255), “por meio de um tipo de devir particular do objeto técnico, que denominamos concretização do objeto técnico”.

O verdadeiro aperfeiçoamento das máquinas, aquele ao qual se pode dizer que eleva ao grau de tecnicidade, corresponde não ao crescimento do automatismo, mas, pelo contrário, ao fato de que o funcionamento de uma máquina preserva uma certa margem de indeterminação. É esta margem que permite à máquina ser sensível a uma informação exterior. Através desta sensibilidade das máquinas à informação se pode consumir um conjunto técnico, e não pelo aumento de automatismo. Uma máquina puramente automática, completamente fechada sobre ela mesma em um funcionamento predeterminado, poderia oferecer somente resultados sumários. A máquina que está dotada de uma alta tecnicidade é uma máquina aberta, e o conjunto de máquinas abertas supõe o homem como organizador permanente, como intérprete vivente de máquinas, umas em relação com as outras.

Portanto, quanto mais concretizado estiver um objeto técnico, mais próximo do objeto natural ele se encontra em razão de sua tendência à coerência interna no seu modo de funcionamento. Porém, o objeto natural e espontâneo é totalmente concretizado desde sua origem, ao passo que no objeto técnico deve permanecer sempre um resto de abstração, isto é, uma potência de devir a ser atualizada em direção a um cada vez maior aperfeiçoamento e perda de artificialidade, a qual existe apenas no momento da invenção realizada pelo homem¹². Deste modo, o sistema técnico concreto, resultado de um processo de concretização, deve adquirir autonomia relativa e abertura suficiente para operar uma relação de êxito com o mundo natural. Mas deve-se

levar em conta que o processo de concretização é uma tendência no modo de existência dos objetos técnicos e não uma adaptação deles às necessidades humanas.

A investigação sobre a invenção, a gênese e a evolução dos objetos técnicos compreende toda a primeira parte da tese de Simondon, desdobrando-se, é claro, em todo o desenvolvimento da argumentação das outras duas partes. Para tanto, a noção de processo de concretização é fundamental para descrever o modo de existência dos objetos técnicos, suas relações internas e externas com o conjunto técnico, denominado também meio tecnogeográfico¹³. Como afirma Schmidgen (2005, p. 03), o interesse de Simondon parece circunscrever-se na “fisiologia” dos objetos técnicos, afinal “o processo de concretização reflete alguns dos interesses de Simondon pela biologia”¹⁴. Como outros historiadores e filósofos da tecnologia, continua Schmidgen, “Simondon utiliza termos e estratégias visuais das ciências biológicas”. Levando em conta essas considerações, não devemos pormenorizar os processos descritivos relacionados à noção de concretização e funcionamento dos objetos técnicos, mas, antes, dirigirmo-nos ao ponto preciso que permite pensar a ressonância do vitalismo fisiológico de Canguilhem, a saber: a constatação simondoniana de que o objeto técnico se concretiza por meio da operação de superação de obstáculos, isto é, de

12 Por meio da concretização técnica, afirma Simondon (2008, p. 68), “o objeto, primitivamente artificial, se converte em cada vez mais semelhante ao objeto natural. [...] O objeto concretizado é comparável ao objeto espontaneamente produzido; libera-se do laboratório associado originalmente e o incorpora dinamicamente para si mesmo no jogo de suas funções; é sua relação com os outros objetos, técnicos ou naturais, que o converte em regulador e permite a automanutenção das condições de funcionamento; este objeto já não se encontra isolado, associa-se com outros objetos ou se basta a si mesmo, enquanto que, no começo, estava isolado e era heterônomo”.

13 “A adaptação-concretização é um processo que condiciona o nascimento de um meio em vez de estar condicionado por um meio já dado [...]. Poder-se-ia dizer que a invenção concretizante consome um meio tecnogeográfico [...], que é uma condição de possibilidade de funcionamento do objeto técnico. *O objeto técnico é então a condição de si mesmo como condição de existência deste meio misto, técnico e geográfico ao mesmo tempo* [grifo do autor].” (SIMONDON, 2008, p. 76-77)

14 Quanto mais o objeto técnico se concretiza, afirma Bernard Stiegler (*apud* NEVES, p. 73, 2007), “mais ele fica indivisível e plurifuncional, logo, mais ele se aproxima da individualidade no sentido fortíssimo que essa palavra tem em biologia”.

que a evolução dos objetos técnicos se dá no processo de resolução de tensões, de conversão da incompatibilidade em positividade e funcionamento.

A partir de certos limites nas condições de utilização, diz o pensamento de conversão de Simondon (2008, p. 49),

o objeto encontra obstáculos no interior de seu próprio funcionamento: *nas incompatibilidades que nascem da saturação progressiva do sistema de subconjuntos reside o jogo de limites cujo franqueamento constitui um progresso [...]; o que era obstáculo deve se converter em meio de realização* [grifo do autor].

Em nota de rodapé, o autor acrescenta: essas “são as condições de individuação de um sistema”. Ora, e a individuação é, assevera Deleuze (2006, p.119) de modo preciso, “a organização de uma solução, de uma ‘resolução’ para um sistema objetivamente problemático” – e na dialética simondoniana, adverte ainda Deleuze, “o problemático substitui o negativo”.

Disso se segue que a progressão dos objetos técnicos, suas verdadeiras etapas de aperfeiçoamento e concretização – como informação que toma corpo, ou tomada de forma (*prise de forme*) deles –, se faz por meio de *mutações* descontínuas e de redistribuição interior não de função por função, concebidas de modo separado, mas por sinergia de funções¹⁵. Não é suficiente então dizer, afirma Simondon (2008, p. 61),

15 O objeto técnico progride, afirma Simondon (2008, p. 55-56), “por redistribuição interior das funções em unidades compatíveis, substituindo o acaso ou o antagonismo da repartição primitiva; a especialização não se faz *função por função*, mas *sinergia por sinergia*; é o grupo sinérgico de funções e não a função única o que constitui o verdadeiro subconjunto no objeto técnico. Graças a essa investigação das sinergias, a concretização do objeto técnico pode ser traduzida como um aspecto de simplificação; o objeto técnico desenvolvido é aquele que já não está em luta consigo mesmo, aquele no qual nenhum efeito secundário perturba o funcionamento de conjunto, ou é deixado fora desse funcionamento [grifo do autor]”.

que o objeto técnico é aquele cuja gênese específica procede do abstrato ao concreto; há que precisar ainda que essa gênese se cumpre por meio de aperfeiçoamentos essenciais, descontínuos, que fazem com que o esquema interno do objeto técnico se modifique através de saltos e não segundo uma linha contínua. [...] As verdadeiras etapas de aperfeiçoamento do objeto técnico se fazem por meio de mutações, mas por mutações orientadas.

O devir das máquinas – e também do organismo humano, como veremos – é, portanto, a mutação que advém da conversão e da superação de obstáculos, em vista do melhor funcionamento sinérgico. É Simondon mesmo quem nos diz que a realidade da máquina é humana, no sentido de que sua existência só é possível em razão daquilo que o filósofo denomina transdução¹⁶. O objeto técnico inventado “carrega consigo algo do ser que o produziu [...]; poder-se-ia dizer que há natureza humana no ser técnico” (SIMONDON, 2008, p. 263). Em vez de prescindir, a vida técnica exige a vida natural e a humana.

Existe algo vivente em um conjunto técnico, e a função integradora da vida só pode ser assegurada por seres humanos; o ser humano tem a capacidade de compreender o funcionamento da máquina, por uma parte, e de viver, por outra:

16 Ao importar o conceito de transdução da física e da genética, Simondon reflete sobre as implicações filosóficas dele em seus múltiplos aspectos e campos de aplicação, tais como físico, biológico, mental, social etc., como afirma na introdução d’*A individuação à luz das noções de forma e de informação* (SIMONDON, 2011, p. 09). Sobre a relação dos objetos técnicos como produto de transdução humana, isto é, de transferência de energia humana e modificação de natureza da mesma no objeto técnico, Simondon (2008, p. 160) sustenta, em *Du mode d’existence des objets techniques*, que o “ser humano, e o vivente no sentido mais geral, são essencialmente transdutores”; desse modo, “a relação do homem com as máquinas se faz no nível das relações de transdução”. Em outras palavras: a liberação e a transferência de energia da realidade humana cristalizam um objeto técnico, o qual é, por assim dizer, um *produto* humano, no sentido literal e etimológico de “produto”, como aquilo que o homem traz à sua frente. Dessa perspectiva – é importante mencionar sua grande implicação política e cultural –, percebe-se a não-separação e a não-dicotomia na relação homem-máquina.

pode-se falar de vida técnica como aquilo que realiza no homem essa colocação em relação das duas funções. O homem é capaz de assumir a relação entre o vivente que é e a máquina que fabrica; a operação técnica exige uma vida técnica e natural (SIMONDON, 2008, p. 143).

No entanto, afirmar que a vida técnica exige a vida humana não significa estabelecer relação de identidade e semelhança entre o homem e a máquina, a biologia e a técnica, muito menos instituir separação entre tais domínios, sendo esses, de modo respectivo, os problemas da cibernética e da cultura ocidental. A relação analógica entre a máquina e o homem, sustenta Simondon (2008, p. 155), “não está no nível das funções corporais; a máquina não se alimenta nem percebe, não descansa, e a literatura cibernética explora falsamente uma aparência de analogia”. A verdadeira relação analógica entre homem e máquina está apenas na *invenção*, isto é, no funcionamento mental do homem em relação ao funcionamento físico da máquina, concebida como “um ser que funciona”¹⁷. Daí o posicionamento crítico do autor contra aquilo que denomina “assimilação abusiva” e direta entre o vivente e a máquina (sendo esse o erro da cibernética, localizado por Simondon no processo de identificação dos objetos técnicos auto-regulados aos seres vivos¹⁸): “Para

que essa tecnologia geral tenha um sentido, é preciso evitar fazê-la repousar sobre uma assimilação abusiva do objeto técnico ao objeto natural, e particularmente ao vivente. As analogias, ou antes, as semelhanças exteriores, devem ser rigorosamente excluídas: não possuem significação, e só podem nos extraviar” (SIMONDON, 2008, p. 69).

Embora Simondon estabeleça esta diferenciação dos objetos técnicos em relação ao mundo animado e humano, pretendemos fazer, doravante, o seguinte ensaio: mostrar como o filósofo importa uma imagem (ou estratégia visual, nas palavras de Schmidgen [2005]) da biologia e da fisiologia humana, a fim de operar a transdução – de acordo com a terminologia do filósofo – para seu pensamento de conversão sobre a técnica. Trata-se de experimentar, portanto, como Simondon faz funcionar um princípio biológico para pensar a concretização dos seres técnicos e estabelecer, ao mesmo tempo, a diferenciação (não separação, porém) entre vida técnica e vida biológica – o que deve ocorrer por meio da analogia, concebida não como identidade e semelhança, mas como relação ao princípio vitalista de Canguilhem.

2 Vida biológica

Apresentada em 1943, *O Normal e o Patológico* é a tese de doutorado em medicina de Georges Canguilhem. Ao conferir importância à perspectiva filosófica, o autor problemati-

17 “Inventar é fazer funcionar o pensamento como poderia funcionar uma máquina, não segundo a causalidade, demasiado fragmentária, nem segundo a finalidade, demasiado unitária, mas segundo o dinamismo de funcionamento vivido, captado porque é produzido e acompanhado em sua gênese. A máquina é um ser que funciona. Seus mecanismos concretizam um dinamismo coerente que alguma vez existiu no pensamento, que foi o pensamento. O dinamismo do pensamento, no momento da invenção, converteu-se em formas que funcionam.” (SIMONDON, 2008, p. 155)

18 “O que pode fazer do trabalho da Cibernética parcialmente ineficaz como estudo intercientífico (e esse é, no entanto, o objetivo que Norbert Wiener atribui à sua investigação) é o postulado inicial de identidade dos seres vivos e dos objetos técnicos auto-regulados. Ora, pode-se dizer somente que os objetos técnicos tendem à concretização, enquanto os objetos naturais, tais como os seres vivos, são concretos

desde o início. Não se pode confundir a tendência à concretização com o estatuto de existência inteiramente concreta. Todo objeto técnico possui em alguma medida aspectos de abstração residual; não se deve passar do limite e dizer de objetos técnicos como se fossem naturais. [...] Em vez de considerar uma classe de seres técnicos, os autômatos, é preciso seguir as linhas de concretização através da evolução temporal dos objetos técnicos; só segundo esse caminho a aproximação entre o ser vivo e o objeto técnico tem uma significação verdadeira, por fora de toda mitologia.” (SIMONDON, 2008, p. 69-70)

za em sua tese a “cultura médica”, isto é, a relação entre a medicina, a filosofia e as técnicas, assim como o estatuto das estruturas de definição de fenômenos normais e patológicos e as implicações dessa partilha não apenas para a biologia e a clínica, mas também para a própria filosofia por meio da articulação entre vida e conceito, ordem e desordem, norma e erro. Sem atribuir relevância a uma abordagem genérica, não pretendemos expor sistematicamente o pensamento do médico e filósofo francês no que diz respeito a noções como norma, média, anormal, patologia, medicina, fisiologia, clínica, filosofia etc., mas tão-somente apresentar o princípio de sua tese, o qual pode estar em relação com o pensamento filosófico de Gilbert Simondon sobre a técnica. Mas, para capturar o princípio e o movimento do vitalismo de Canguilhem, é preciso compreender sua tese sobre a normatividade biológica.

Ao tomar de empréstimo a expressão de Aristóteles de que toda ciência procede do espanto, Canguilhem (2002, p. 76) acrescenta que, no caso da fisiologia, “o espanto *verdadeiramente vital* é a angústia suscitada pela doença [grifo meu]”. É a partir do patológico, portanto, que se decifra o ensinamento da saúde, tese muito bem explorada por Michel Foucault (2008) em *O Nascimento da Clínica*, no qual o aluno de Canguilhem demonstra como a partir da reflexão sobre a morte surgiu um pensamento científico de manutenção da vida, inaugurado pela anatomopatologia¹⁹. É por meio da referência e da ratificação do pensamento do fisiologista e cirurgião francês René Leriche, o qual afirma que a consciência

do corpo se deve à sensação de limites, ameaças e obstáculos à saúde – donde a célebre frase: “a saúde é a vida no silêncio dos órgãos” –, que Canguilhem (2002, p. 90) expõe sua tese de que o normal biológico só pode ser revelado por infrações à norma, dado que “não há consciência concreta ou científica da vida a não ser pela doença”²⁰.

No entanto, a partir da definição canguilhiana do normal como conceito não estático ou pacífico, mas dinâmico e polêmico – ao qual Foucault (2002, p. 62) acrescentará as características de político e produtivo –, não existe fato que seja normal ou patológico em si. Dessa perspectiva, a doença não deve ser concebida apenas como o desaparecimento de uma ordem fisiológica, mas antes como “o aparecimento de uma nova ordem vital”²¹. Ou seja, o desvio, a anomalia e a mutação biológica não podem ser consideradas anormais ou patológicas, se inserirem uma outra normatividade, mais valiosa que a anterior²². A

20 No ensaio acrescentado vinte anos depois da versão original de sua tese, Canguilhem (2002, p.215) indica, em nota de rodapé, como anteriormente a ele, e mesmo a Leriche, Descartes já realizara tal reflexão a respeito da relação entre saúde e verdade. Porém, com referência à fisiologia e à medicina, de modo mais específico, foi Kant (apud CANGUILHEM, 2002, p. 206), por volta de 1798, quem afirmou que foram as doenças “que deram origem à fisiologia; e não foi a fisiologia, e sim a patologia e a clínica que deram início à medicina. A razão é que, para dizer a verdade, não sentimos o bem-estar, pois este bem-estar é simples consciência de viver e só seu impedimento suscita a força de resistência”.

21 O que Canguilhem (2002, p. 156) relaciona explicitamente à teoria bergsoniana de recusa à noção de desordem: “Não há desordem, há substituição de uma ordem esperada ou apreciada por uma outra ordem que de nada nos serve e que temos de suportar”.

22 “O anormal, em biologia, não é tanto a forma antiga mas a forma nova, se ela encontrar condições de existência nas quais parecerá normativa, isto é, superando todas as formas passadas, ultrapassadas e, talvez, dentro em breve, mortas. [...] Não existe fato que seja normal ou patológico em si. A anomalia e a mutação não são, em si mesmas, patológicas. Elas exprimem outras normas de vida possíveis. Se essas normas forem inferiores – quanto à estabilidade, à fecundidade e à variabilidade da vida – às normas específicas anteriores, serão chamadas patológicas. Se, eventualmente, se revelarem equivalentes – no mesmo meio – ou superiores

19 O médico optou pela vida, afirma Canguilhem (2002, p. 186). “A ciência lhe é útil no cumprimento dos deveres decorrentes dessa escolha. O apelo ao médico parte do doente. É o caso desse apelo patético que faz chamar de patológicas todas as ciências que a técnica médica utiliza em socorro da vida. Por isso é que há anatomia patológica, fisiologia patológica, histologia patológica, embriologia patológica”.

noção de normatividade biológica do ser vivo aparece, assim, como tendência do homem ao aperfeiçoamento, e para tal noção a doença não é somente *desequilíbrio*, mas esforço que a natureza viva exerce sobre o homem para obter *outro* equilíbrio, como se o organismo produzisse uma doença para curar-se a si próprio. É nesse sentido que a ação médica natural (*vis medicatrix naturae*), como primeira técnica médica exercida de modo espontâneo e natural, ensina como o organismo é o primeiro dos médicos para uma vida biológica concebida como potência dinâmica de superação, afirma Canguilhem (2002, p. 100). Portanto, se é possível falar em homem normal, “determinado pelo fisiologista, é porque existem homens normativos, homens para quem é normal romper as normas e criar novas normas”, dado que “o homem se revela, atualmente, como a única espécie capaz de variação” (CANGUILHEM, 2002, p. 130 e 142).

O homem normal, então, é o homem normativo capaz de romper normas, de superar obstáculos fisiológicos e de se relacionar com o meio por intermédio de uma maior abertura e margem de tolerância às suas infidelidades (sendo esse o real devir histórico do meio) – é o homem capaz, nesse sentido, de inventar novas normatividades e potencialidades vitais. Disso se segue que a fixidez normativa se encontra no registro do patológico, ao passo que a mutação²³ e o movimento devem ser concebidos como a verdadeira saúde fisiológica.

– em outro meio – serão chamadas normais.”(CANGUILHEM, 2002, p. 113)

23 “Quando se define o normal como o mais freqüente, cria-se um obstáculo à compreensão do sentido biológico dessas anomalias às quais os geneticistas deram o nome de mutações. Com efeito, na medida em que, no mundo animal ou vegetal, uma mutação pode constituir a origem de uma nova espécie, vemos uma norma nascer de um desvio em relação a uma outra.” (CANGUILHEM, 2002, p. 237)

O doente é doente por só admitir uma norma. Como já dissemos muitas vezes, o doente não é anormal por ausência de norma, e sim por incapacidade de ser normativo. [...] A doença passa a ser uma *experiência de inovação positiva* do ser vivo e não apenas um fato diminutivo ou multiplicativo. [...] a doença não é uma variação da dimensão da saúde; *ela é uma nova dimensão da vida*. [grifos meus] (CANGUILHEM, 2002, p. 148-149)

Apesar da vida biológica não permitir restabelecimentos (pois não há retorno à origem biológica), ela admite reparações que são verdadeiras inovações fisiológicas. Nesse sentido, a saúde é a capacidade biológica de questionar as normas, de tolerar a variedade e de instituir novas normas fisiológicas²⁴. A possibilidade de abusar da saúde é parte intrínseca e necessária à própria saúde, pois “o poder e a tentação de se tornar doente são uma característica essencial da fisiologia humana”, assegura Canguilhem (2002, p. 162). Razão pela qual o homem sadio “não foge diante dos problemas causados pelas alterações – às vezes súbitas – de seus hábitos, mesmo em termos fisiológicos; ele mede sua saúde pela capacidade de superar as crises orgânicas para instaurar uma nova ordem” (CANGUILHEM, 2002, p. 160-161)²⁵. Daí a definição interessantíssima do autor em relação à vida fisiológica como conservação ou como expansão, em que a preocupação mórbida de evitar situações que possam produzir reações

24 Ao retomar sua tese vinte anos depois, Canguilhem (2002, p. 259) define de modo preciso sua intenção original: “No ensaio de 1943 chamamos de normatividade a capacidade biológica de questionar as normas usuais por ocasião de situações críticas, e propusemos medir a saúde pela gravidade das crises orgânicas superadas pela instauração de uma nova ordem fisiológica”.

25 É como criação de valor que Canguilhem (2002, p. 163) compreende saúde, como se nota no seguinte fragmento: “A palavra ‘valere’, que deu origem a valor, significa, em latim, passar bem. A saúde é uma maneira de abordar a existência com uma sensação não apenas de possuidor ou portador mas também, se necessário, de criador de valor, de instaurador de normas vitais”.

catastróficas exprime o instinto de conservação de uma vida limitada (valor repulsivo que implica a morte da normatividade), enquanto o organismo que, em vez de manter-se no seu estado atual de conservação, realiza sua natureza por meio do enfrentamento de situações de riscos, suportando a eventualidade da produção de reações flagelantes, exprime a vontade de expansão (valor propulsivo como superação e invenção de novas normatividades). Por isso, ficar doente e recuperar-se não são apenas características que definem a saúde, mas são também um verdadeiro “luxo biológico” – motivo pelo qual, especula o autor, a natureza fez seus organismos com grande prodigalidade: rins, pulmões, paratireóides e pâncreas em excesso, até mesmo cérebro demais, se a vida humana se limitasse à vida vegetativa.

Como se percebe, o princípio do pensamento de Canguilhem se volta contra a fixidez do normal (o autor chega até mesmo a esboçar uma paradoxal “doença do homem normal” no final de seu ensaio escrito entre 1963 e 1966²⁶) e a favor do movimento e da mutação como formas de potencializar a constituição fisiológica do homem – ou, até mesmo, de atualizar suas forças orgânicas. Portanto, trata-se de um pensamento preocupado “com a significação fundamental do normal por meio de uma análise filosófica da vida compreendida como atividade de oposição à inércia e à indiferença”. Não é à toa que o autor afirma que a vida joga, afinal, “contra a entropia crescente” (CANGUILHEM, 2002, p. 208).

26 “Por doença do homem normal deve-se compreender o distúrbio que, com o tempo, se origina da permanência do estado normal, da uniformidade incorruptível do normal, a doença que nasce da privação de doenças, de uma existência quase incompatível com a doença. [...] Assim nasce, no homem normal, uma inquietação por ter permanecido normal, uma necessidade da doença como maneira de testar a saúde, isto é, como sua prova, uma procura inconsciente da doença, uma provocação à doença.” (CANGUILHEM, 2002, p. 260-261).

A partir daqui se depreende – ou, melhor, acredita-se inferir – o alcance do movimento e do princípio do vitalismo de Canguilhem em relação ao pensamento sobre a técnica de seu aluno Gilbert Simondon²⁷. De modo mais rápido, pode-se dizer que, assim como também há sempre muitas outras possibilidades técnicas nos seres técnicos para além do que foram programados no estado primitivo e abstrato, o que se revela a partir de obstáculos necessários ao processo de concretização, “a vida está, habitualmente, *além de suas possibilidades*, porém, se necessário, mostra-se superior à sua capacidade presumida [grifo meu]”, defende Canguilhem (2002, p. 160). Afinal, um dos pensamentos mais profundos sobre o problema do patológico, afirma o médico e filósofo francês por meio da referência a Leriche, é o seguinte: “há em nós, a cada instante, muito mais possibilidades fisiológicas do que a fisiologia nos faz crer. Mas é preciso haver a doença para que elas nos sejam reveladas” (CANGUILHEM, 2002, p. 75).

Como vemos, é a própria doença, enquanto obstáculo, a condição de possibilidade e de emergência da fisiologia e da medicina concebidas como ciências da vida: “Se não houvesse obstáculos fisiológicos, não haveria também fisiologia, pois não haveria problemas fisiológicos a resolver. [...] é o *pathos* que condiciona o *logos* porque é ele que o chama”²⁸ (CANGUILHEM, 2002, p. 169). O obstáculo – assim como é solicitado ao funcionamento da vida técnica, a fim de tender o objeto técnico à concretização – é aquilo por meio do que a vida biológica pode ser concebida como potência dinâmica de superação, dado que a normalidade biológica, da perspectiva de Can-

27 Conforme nota 3.

28 Daí a tese de Canguilhem (2002, p. 169) de que é “o anormal que desperta o interesse teórico pelo normal. As normas só são reconhecidas como tal nas infrações”.

guilhem, é o recurso à doença como forma de realização e de fortalecimento fisiológicos. Daí a importante questão de Canguilhem em relação ao anormal como *inventor* no interior de sua concepção vitalista e transformista – o que seria, ao contrário, concebido como patológico por um fixista:

Na medida em que seres vivos se afastam do tipo específico serão eles anormais que estão colocando em perigo a forma específica, ou serão *inventores* a caminho de novas formas? Conforme sejamos fixistas ou transformistas consideraremos de modo diferente um ser vivo portador de um caráter novo [grifo meu]. (CANGUILHEM, 2002, p. 110)

Pois bem, a questão de Canguilhem (2002, p. 120) – “será que devemos considerar qualquer *desvio* como anormal?” – poderia, a nosso ver, ser facilmente transportada ao pensamento de Simondon sobre a técnica, desde que substituíssemos o desvio e a anormalidade fisiológicos pelo obstáculo e incompatibilidade técnicos. Então, à pergunta fictícia – será que devemos considerar qualquer obstáculo como incompatibilidade e impedimento de passagem no processo de desenvolvimento e concretização dos objetos técnicos? –, a resposta de Simondon se assentaria, de certo, na negação, dado que sua tese sobre o modo de existência dos objetos técnicos demonstra como o objeto técnico “funciona desfuncionando”, isto é, como o obstáculo, em vez de impedimento, deve ser concebido como aquilo que potencializa e atualiza os devires dos objetos técnicos. Desse princípio se conclui, portanto, que a fixidez e a estabilidade estariam do lado da morte, tanto do ponto de vista do vitalismo relacionado à normatividade biológica, quanto do ponto de vista da técnica relacionada ao processo de concretização, ao passo que o

movimento, a mutação e a metaestabilidade²⁹ devem estar, de ambas as perspectivas, do lado da vida e da invenção.

3 Conclusão (ou Implicação)

Claro deve estar que o propósito deste texto não é o estabelecimento de relações funcionais entre máquina e organismo, dado ser esse um problema filosófico existente desde a Antiguidade Clássica e sobre o qual os autores em questão trabalham de modo diferente. Em vez disso, o nosso interesse – muito mais ensaístico, no sentido de experimentar *uma* relação, *uma* maneira de pensar, *uma* possibilidade – encontra-se voltado à necessidade de conferir importância a um determinado princípio biológico que Simondon faz operar em sua tese sobre o modo de existência dos objetos técnicos, realizando, de certo modo, aquilo que Canguilhem (1989) nomeou, em sua con-

29 Como conceito da física que designa a capacidade de perda da estabilidade através de pequenas perturbações, a noção de metaestabilidade é criada por Simondon, de modo filosófico, para refletir o processo de individuação em diversos níveis, tais como físico, vital, coletivo, psíquico e técnico. De acordo com Deleuze (2006, p. 117), “a condição prévia da individuação é a existência de um sistema metaestável”. Em *Du mode d’existence des objets techniques*, ao se referir de modo mais específico à noção de metaestabilidade como sistema de realidade que comporta potenciais na *vida técnica* e na *vida biológica*, afirma Simondon (2008, p. 181): “Na realidade, parece que falta distinguir entre equilíbrio estável e metaestável. A aparição da distinção entre figura e fundo provém de um estado de tensão, de incompatibilidade do sistema em relação consigo mesmo, o que se poderia denominar a sobre-saturação do sistema; mas a estruturação não é o descobrimento do mais baixo nível de equilíbrio: o *equilíbrio estável*, no qual todo potencial seria atualizado, corresponderia à *morte* de toda possibilidade de transformação ulterior; no entanto, *os sistemas vivos*, aqueles que manifestam precisamente a maior organização, são sistemas de *equilíbrio metaestável* [grifos meus]”.

ferência *Machine et Organisme*, “filosofia biológica da técnica”.

Nesta apresentação de 1947, Canguilhem (1989, p. 101) indica a necessidade de se constituir questões de método para uma “organologia”, reivindicada também pelo seu aluno uma década depois em *Du mode d’existence des objets techniques*³⁰. Segundo Canguilhem (1989, p. 125-127), poder-se-ia chegar a modelos inovadores para a construção e a compreensão das máquinas apenas por meio do estudo da estrutura e do funcionamento dos sistemas biológicos, razão pela qual o médico e filósofo conclui sua conferência com a indicação da biônica como uma importante disciplina recém-nascida destinada à aplicação do conhecimento biológico para a solução de problemas técnicos e de engenharia genética. A importância de se mencionar a conferência de Canguilhem reside, sobretudo, no fato do autor expor nela a necessidade de uma aproximação sistemática e adequada entre biologia e técnica – adequada pois não se trata de transplantar um domínio ao outro, mas de levar em consideração que um pode emprestar ao outro, ora suas soluções, ora seus problemas. É nesse sentido preciso de não transplantação de um domínio ao outro, sem relação de semelhança e identidade, mas como importação de problemas e soluções que acreditamos ser possível a leitura do princípio do vitalismo biológico de Canguilhem no pensamento sobre a técnica de Simondon³¹. Mas é importante ainda

dizer que tal princípio parece evidente n’A *individação à luz das noções de forma e de informação*. Ao problematizar a individuação do ser vivo – seu devir como uma dimensão vital do ser que comporta tensões e resoluções num sistema de metaestabilidade, concebido como condição de vida –, Simondon afirma:

[...] o ser vivo resulta de problemas, não somente se adaptando, ou seja, modificando sua relação com o meio (como uma máquina pode fazer), mas *modificando* a si mesmo, *inventando estruturas internas novas*, introduzindo-se completamente na axiomática dos problemas vitais. *O indivíduo vivo é sistema de individuação, sistema individante e sistema se individuando*; a ressonância interna e a tradução da relação a si em informação se encontram neste sistema do ser vivo. [...] Dizer que o ser vivo é problemático é considerar o devir como uma dimensão do ser vivo: o ser vivo se conforma ao devir, que opera uma mediação. O ser vivo é agente e teatro de individuação; seu devir é uma individuação permanente, ou melhor, uma *seqüência de acessos de individuação* avançando de metaestabilidade em metaestabilidade. [grifos meu e do autor] (SIMONDON, 2011, p. 05-06)

No entanto, afirmar essa axiomática aberta, problemática e processual do ser vivo como uma tendência à transformação que é própria ao seu devir – como o filósofo expõe em sua tese principal e, de modo geral, em sua teoria da individuação estendida ainda ao ser físico, psíquico e coletivo –, não significa transpor diretamente o mesmo princípio ao modo de existência dos objetos técnicos. Muito embora o processo de concretização aproxime os objetos técnicos dos objetos naturais, não se trata, como fizemos notar, de uma assimilação direta e abusiva do objeto técnico ao ser natural ou ao ser vivo. *Reconhecer* a máquina por meio do organismo seria repousar no plano da *semelhança* e da *identidade*, razão pela qual

30 Diz Simondon (2008, p. 86): “Seria possível, nesse sentido, definir uma organologia geral que estude os objetos técnicos ao nível de elemento, e que formaria parte da tecnologia, junto com a mecanologia, que estudaria os indivíduos técnicos completos”.

31 Ao referir-se à conferência *Machine et Organisme*, de Canguilhem, Schmidgen (2005) afirma que anos mais tarde a linha de argumentação de Canguilhem sobre a relação entre técnica e biologia foi retomada, modificada e desenvolvida pelo filósofo Gilbert Simondon. Embora Schmidgen não avance no sentido do estabelecimento de relações entre o pensamento médico-filosófico de Canguilhem e o pensa-

mento técnico-filosófico de Simondon – como é nossa intenção –, sua afirmação pode indicar o quanto nossa leitura é possível.

o *conhecimento* dos objetos técnicos só pode ser operado pela *diferença*, afinal homem e máquina são diferentes, mas não separados. Daí a necessidade de um pensamento relacional para pensar a *diferença por analogia*, dado que o objeto técnico não é um ser vivo, mas um indivíduo que desenvolve suas potencialidades na medida em que converte a incompatibilidade em funcionamento.

De acordo com Simondon, o estatuto e a existência dos objetos técnicos não podem ser deduzidos do modo de existência de outros objetos, sejam eles estéticos, religiosos ou naturais. Nesse sentido, *Du mode d'existence des objets techniques* não empreende a tarefa de fundar outra botânica das máquinas (SCHMIDGEN, 2005, p. 2), como fez Norbert Wiener, mas também não trata de separar a realidade humana do objeto técnico, como insistiu a cultura ocidental. Ao contrário, é preciso suscitar o que há de humano no objeto técnico (sem, no entanto, humanizá-lo), para então demonstrar que sua concretização é a mescla de natureza e de homem constituída nele (SIMONDON, 2008, p. 258). É como potência e invenção humana concretizadas nos objetos que a técnica deve ser concebida, razão pela qual sua existência deve ser percebida como um modo operatório que *co-responde* à relação homem-mundo, ao mesmo tempo em que soluciona as tensões desta relação. Para além da pura e simples mediação da relação homem-mundo, o objeto técnico é, portanto, a continuidade desta relação. Nesse sentido, afirma Simondon (2008, p. 261): "O objeto técnico, pensado e construído pelo homem, não se limita só a criar uma mediação entre homem e natureza; é uma mescla estável de humano e de natural, contém algo *do* humano e *do* natural [grifos meus]".

A importância e a implicação desse modo operatório de pensamento não residem apenas na transformação da perspectiva ociden-

tal autocrática no que diz respeito à relação homem-máquina, mas ainda em uma política maior de estabelecimento de um *continuum natural-cultural* – pois, ao mesmo tempo em que a tecnicidade forma parte do mundo natural, ela também estabelece e organiza as relações sociais em uma sociedade e cultura constituídas não apenas de humanos. No mundo natural e humano, as técnicas se encontram separadas porque não há um pensamento suficientemente desenvolvido para refletir esses domínios em rede. É com essa tarefa que a filosofia deve se ocupar, como modo de dissolução de oposições de valores e de domínios disseminados pela cultura ocidental³². É em virtude dessa *ação* política do *pensamento* filosófico de Gilbert Simondon que fizemos operar um princípio biológico em seu pensamento sobre a técnica, a fim de indicar pela diferenciação de grau como os domínios da técnica e da biologia – estendidos à relação cultura e natureza, sociedade e indivíduo, teoria e prática, técnica e estética, figura e fundo – não se encontram separados. Portanto, é a partir do projeto maior de Simondon de efetivar uma "reforma de noções filosóficas fundamentais" (SIMONDON, 2011, p. 11), como o filósofo afirma na introdução d'A *individuação à luz das noções de forma e de informação*, que se pode realizar uma viravolta na perspectiva ocidental instrumentalizada também em relação à técnica, de modo a conceber, então, a potência humana dos objetos técnicos em relação com o mundo, a natureza, a cultura, a estética etc.

Mas é preciso ir um pouco além e notar, ainda que de modo conclusivo, que é o caráter

32 "Na existência, para o mundo natural e para o mundo humano, as técnicas não estão separadas. No entanto, para o pensamento técnico, permanece como se estivessem separadas, porque não existe um pensamento suficientemente desenvolvido para permitir teorizar essa reticulação técnica de conjuntos concretos. Essa constituição é a tarefa que incumbe ao pensamento filosófico, porque há ali uma realidade nova que não está ainda representada na cultura." (SIMONDON, 2008, p. 236)

processual da vida técnica e da vida biológica que move os autores de *Du mode d'existence des objets techniques* [1958] e de *Le normal et le pathologique* [1943]. É o movimento, sua dinâmica, a abertura, os devires – e não o que está dado, constituído e substancializado – o que importa na ontogênese da técnica e na normatividade biológica, desenvolvidas por saltos, rupturas e descontinuidades. Do ser vivo aos seres técnicos, a vida é individuação e, assim, solicitação, resolução e deslocamento de problemas. Contra a tradição platônica do pensamento ocidental fundado em oposições (e... e... e...) e na demonstração do desenvolvimento da fisiologia humana e dos ob-

jetos técnicos por meio da superação de crises e obstáculos, é imprescindível sublinhar um substrato que parece ser comum no pensamento de ambos os autores. Ora, a concepção de não separação nem oposição de valores, a serviço do estabelecimento de diferenças de grau entre domínios e naturezas, reside, de certo, no pensamento filosófico e anti-platônico de Nietzsche. Do mesmo modo, é preciso destacar que a noção de transformação do acaso ruim em positividade e da doença em saúde e potência fisiológica e filosófica advém também do filósofo alemão, para quem a vida orgânica e inorgânica – biológica e técnica, portanto – é vontade de potência³³.

Referências

- CANGUILHEM, G. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CANGUILHEM, G. Machine et Organisme. In: *La Connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1989, p. 101-127.
- COMBES, M. *Simondon – Individu et Collectivité*: pour une philosophie du transindividuel. Paris : Presses Universitaires de France, 1999.
- DELEUZE, G. Gilbert Simondon, *O indivíduo e sua gênese físico biológica*. In: *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 117-121.
- FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. *Os Anormais*: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- NEVES, J. P. Seres humanos e objectos técnicos: a noção de “concretização” em Gilbert Simondon. In: *Comunicação e Sociedade*, vol. 12, 2007, p. 67-82.

33 Em *Além do bem e do mal*, diz Nietzsche (1992, p. 43) sobre *toda* força atuante como *vontade de potência*: “A questão é, afinal, se reconhecemos a vontade realmente como *atuante*, se acreditamos na causalidade da vontade: assim ocorrendo – e no fundo a crença nisso é justamente a nossa crença na causalidade mesma –, *temos* então que fazer a tentativa de hipoteticamente ver a causalidade da vontade como a única. ‘Vontade’, é claro, só pode atuar sobre ‘vontade’ – e não sobre ‘matéria’ (sobre ‘nervos’, por exemplo –): em suma, é preciso arriscar a hipótese de que em toda parte onde se reconhecem ‘efeitos’, vontade atua sobre vontade – e de que todo acontecer mecânico, na medida em que nele age uma força, é justamente força de vontade, efeito da vontade. – Supondo, finalmente, que se conseguisse explicar toda nossa vida instintiva como elaboração e ramificação de uma forma básica da vontade – a vontade de poder, como é *minha tese* – [...], então se obteria o direito de definir *toda* força atuante, inequivocamente, como *vontade de poder*. O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de poder’, e nada mais. –” [grifos do autor].

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHMIDGEN, H. Thinking technological and biological beings: Gilbert Simondon's philosophy of machines. *Revista do Departamento de Psicologia, UFF, Niterói*, vol. 17, n. 2, Jul./Dec., 2005, p. 01-06. Disponível em <www.scielo.com.br>.

SIMONDON, G. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1969.

SIMONDON, G. *El modo de existência de los objetos técnicos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

SIMONDON, G. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*: Introdução. (Tradução: Pedro P. Ferreira e Francisco A. Caminati, Revisão: Laymert Garcia dos Santos. Disponível em: <http://cteme.files.wordpress.com/2011/05/simondon_1958_intro-lindividuation.pdf>) , 2011.

SIMONDON, G. Sobre a tecno-estética: Carta a Jacques Derrida (Tradução: Stella Senra). In: ARAÚJO, H. R. (Org.). *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 253-266.

Recebido em: 27 de julho de 2011

Aprovado para publicação em: 16 de outubro de 2011

Elton Rogério Corbanezi

Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil. E-mail: eltoncorbanezi@hotmail.com